

A educação e o desenvolvimento de competências

Sílvia Elaine Almeida Lima

Graduanda em Pedagogia pela FACED (Faculdade de Educação), da Universidade Federal da Bahia (UFBA). e-mail: silvia.ufba@hotmail.com

Resumo: Este artigo busca compreender de que forma a educação pode contribuir na formação dos educandos no que tange ao desenvolvimento de competências. Sabemos que numa sociedade competitiva em que vivemos, a ideia de formação escolar é fundamental para a inserção no mercado de trabalho; para tanto, é imprescindível que os educadores reflitam acerca de sua prática pedagógica, uma vez que a formação escolar deve prover as pessoas de competências básicas que são necessárias para enfrentar a realidade da sociedade atual. Nessa perspectiva, vale frisar a necessidade e importância por parte dos educadores em organizar e dirigir as situações de aprendizagem no que diz respeito à sua programação de atividades, bem como ao estabelecimento de objetivos, ao uso das tecnologias, aos planejamentos didáticos, à aplicação de atividades e à forma de avaliação a fim de promover meios favoráveis para o desenvolvimento de competência de seus educandos, sendo o educador consciente de suas competências docentes.

Palavras-chave: educação; competência; formação.

Abstract: This paper seeks to understand how education can contribute to the students' education in relation to skills development. We know that in the competitive society we live, the idea of school formation is essential for the labor market. This way, it is essential for educators to reflect about their practice, since the training school should provide people with basic skills that are necessary to face the reality of contemporary society. From this perspective, it is worth underlining the need and the importance of the educators in organizing and directing the learning situations with respect to its programming activities, as well as the setting of goals, the use of technology, the educational planning, the implementation of activities and the forms of evaluation, so as to promote favorable means for the development of the competences of their students, the teacher being aware of his teaching abilities.

Keywords: education; competence; formation.

Considerações iniciais

As reflexões que configuram as abordagens desta temática perpassam pelo questionamento do papel da educação no desenvolvimento de competências. Para tanto, é preciso considerar a concepção de competência e de educação a fim de entender a

relação da educação com o desenvolvimento de competências.

Sabemos que educar não é tarefa fácil, os educadores necessitam apropriar-se de metodologias, recursos, tecnologias, entre outras ferramentas em prol da educação.

Uma questão relevante a ser considerada no que concerne à educação é refletir se realmente ela está tendo o seu papel concretizado, uma vez que sua finalidade precisa estar associada com as competências do professor, e tais competências são adquiridas no decorrer da sua formação acadêmica e na sua constante atualização de seus saberes docentes que farão parte de sua práxis pedagógica. Compreender que a educação tem o papel de desenvolver competência de seus alunos implica dizer que os educadores precisam conhecer quais competências possuem e quais precisam adquirir para contribuir na formação de seus alunos.

Desse modo, a escola deve promover situações favoráveis de aprendizagem capazes de desenvolver em seus alunos competências básicas necessárias para enfrentar a realidade da sociedade em que estão inseridos.

Portanto, esse artigo traz contribuições de importantes teóricos que abordam o papel da educação, as competências que são desenvolvidas no âmbito escolar e os saberes docentes próprios na formação dos professores.

Concepção de educação

Educação é um processo formativo que envolve ensinar e aprender. Educar é um ato de doação, é permitir uma troca constante de experiências. Educação não está somente presente em espaços formais de aprendizagens (escola), educação constitui-se de relações interpessoais em diversos âmbitos da sociedade, a exemplo, no seio familiar.

Na escola, educar é um processo pedagógico no qual a equipe docente se apropria de métodos e estratégias a fim de orientar o seu trabalho numa tentativa de promover a aprendizagem de seus alunos.

Para Paulo Freire (1996), educar é um processo de construção e libertação do homem, partindo do pressuposto de que é preciso levar em consideração a realidade do educando, ou seja, o indivíduo a ser educado traz para dentro da escola a sua história, a sua cultura. Educar não consiste numa transferência de conhecimento, mas numa soma de saberes; dessa forma, a escola é um espaço de excelência capaz de promover a transformação social e é nesse espaço que o indivíduo encontra a oportunidade de fazer contato com novos saberes.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo (FREIRE, 1996, p. 26).

Segundo Paulo Freire (1996), educar não é transmitir conhecimentos, mas partilhar tais conhecimentos, sendo capaz de estimular o senso crítico do educando, pois faz parte do processo educativo criar condições favoráveis para o aprender criticamente, e essas condições implicam em tornar presentes na sala de aula educadores com formação crítica que tenham ou já tiveram experiência com produção de certos saberes, conscientes de que ensinar não é transferir informações, conscientes de que é preciso e possível instigar seus alunos a terem uma postura crítica diante daquilo que lhes é apresentado, uma vez que a crítica permite que o educando leia o seu mundo em diferentes perspectivas, tornando-os capazes de transformar o meio em que estão inseridos.

O papel da educação

Como dizia Paulo Freire (1996), “ensinar não é transferir conhecimento”. Na verdade educar não é apenas passar seu conhecimento, educar exige rigor, é preciso criar situações coerentes para a aprendizagem, ou seja, dar oportunidade dos educandos se desenvolverem com autonomia. A escola vai oferecer um espaço propício para a construção do conhecimento e o professor vai apontar caminhos para alcançar tais objetivos, mas o sujeito da ação é o próprio educando.

A relação professor-aluno não deverá ser hierarquizada, o aluno deverá construir seu conhecimento e o professor mediá-lo; assim sendo, não há docência sem discência (FREIRE, 1996).

Educar exige criticidade, paciência, pesquisa e, principalmente, respeito aos saberes dos educandos. O professor não pode considerar o educando um “ser vazio” pronto para ser preenchido, os alunos, ao chegarem ao espaço comum que é a escola, já trazem consigo bagagens relevantes e que, de maneira alguma, podem ser rejeitadas. Será que é só o professor que tem algo a passar? Por acaso o professor não aprende com o aluno? (FREIRE, 1996).

É preciso (re) desenhar a imagem do professor, não mais como o detentor do saber, ser professor não é apenas ensinar é também aprender, na verdade não somos todos alunos, não estamos sempre aprendendo? (FREIRE, 1996).

Algo muito importante a ressaltar é que a educação precisa articular a teoria com a prática, sem reduzi-la ao simples fato de ensinar para conseguir um bom emprego ou passar no vestibular. A educação deve ser voltada para a formação integral do Ser Humano, bem como em seus aspectos cognitivos, profissionais e, principalmente, cidadão, preparando-os para viver em sociedade, coisa que a educação fragmentada não proporcionaria (FREIRE, 1996).

Portanto, faz-se necessária uma avaliação criteriosa acerca do que venha a ser educação, que papel deve ser desenvolvido pelo educador para facilitar a aprendizagem dos educandos, o saber fazer, como atraí-los para a sala de aula.

Com certeza, se toda essa reflexão for feita, teremos pelo menos dado um pequeno passo muito importante para reconfiguração do ato de educar, pois educar quer dizer pensar, escutar e melhorar (FREIRE, 1996).

Concepção de competência

O dicionário *Webster* (1981, p. 63) define *competência*, na língua inglesa, como “qualidade ou estado de ser funcionalmente adequado ou ter suficiente conhecimento, julgamento, habilidades ou força para uma determinada tarefa”. Podemos encontrar no Dicionário *Aurélio* de língua portuguesa, definições semelhantes, a saber: capacidade para resolver qualquer assunto, aptidão, idoneidade e introduz outro: capacidade legal para julgar pleito.

Competência é o conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que juntos permitem a resolução de uma situação-problema. Competência é uma palavra comumente utilizada para definir a qualificação de uma pessoa para a realização de determinada coisa.

Fleury e Fleury (2000) afirmam que, nos últimos anos, o tema competência passou a ser centro das discussões acadêmicas e empresariais. Nas organizações, percebemos que as empresas estabelecem estratégias em função das competências, ou seja, se um indivíduo quer fazer parte da empresa, ele será analisado quanto aos seus conhecimentos, habilidades e atitudes.

Usualmente nas empresas a palavra competência é denominada como *core competences*, são as competências essenciais. Segundo Hamel e Prahalad (1994, p. 203, apud MOURA e BITENCOURT, 2006 p. 3), “as competências essenciais são o conjunto de habilidades e tecnologias que habilitam uma companhia a proporcionar um benefício particular para os clientes, mais do que habilidade ou tecnologia”.

Percebemos então que, independente de qualquer definição, competência está ligada às habilidades para resolver determinadas situações a partir dos conhecimentos que possui e às atitudes a serem tomadas.

Na educação se discute acerca da competência do professor em orientar seus trabalhos pedagógicos no que concerne à articulação da teoria à prática.

Para Perrenoud, competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações. Dessa forma, competências se desenvolvem a partir de uma situação - problema em que precisa ser solucionada, ou seja, uma tentativa de adaptação ao mundo. Assim,

as situações- problemas propõem uma tarefa para a qual o sujeito deve mobilizar recursos, ativar esquemas e tomar decisões. Contudo, há uma diferença, por exemplo, entre essa tarefa e a realizada pelas máquinas. As máquinas ou tecnologias também resolvem problemas e realizam tarefas, mas os objetivos em uma máquina correspondem ao comando desencadeado por alguém ou por algum dispositivo que define respostas ou realização de ações com duração e sequencias programadas (PERRENOUD, 2002, p. 125-126).

Perrenoud ainda nos mostra que competência implica em apropriar-se de recursos para tomar decisões quando surge uma situação-problema. Quando falamos em competência no sentido de adaptar-se ao mundo, trazemos como exemplo a tecnologia.

No mundo que cada vez mais se torna tecnológico, o que é importante a ser analisado não é a capacidade de as máquinas operarem e realizarem determinadas tarefas ou processar informações, o que é analisado é a competência do indivíduo em saber usar recursos e dispositivos capazes de resolver uma situação-problema em relação a uma determinada tecnologia, como por exemplo, a máquina.

Dessa forma, tomar decisões envolve, além de resolver um problema, mobilização de valores, raciocínios, formulações de julgamentos diante da sociedade que estamos inseridos. E na educação, é importante avaliar de quais recursos adequados o professor deve se apropriar a fim de realizar atividades pedagógicas capazes de desenvolver as competências de seus alunos, sendo que o professor necessita ter competência conforme as suas somas de saberes e experiências durante sua formação, compreendendo a importância de estar em constante contato com os conhecimentos que lhe dão subsídios em suas práticas educativas.

Os quatro pilares da educação x competências

Os quatro pilares da Educação são conceitos de fundamento da educação baseado no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors (*A educação: um tesouro a descobrir*, 1998).

A educação precisa proporcionar saberes capazes de promover a evolução do sujeito a fim de que este adquira competências necessárias para seu desenvolvimento tanto cognitivo quanto comportamental no meio em que está inserido, quer seja no âmbito social, profissional ou escolar.

Nessa perspectiva, é válido abordar os quatro pilares da educação discutidos em relatório para a UNESCO a fim de entender de que forma a educação contribui no desenvolvimento de competências do sujeito.

Aprender a conhecer (*Educação: um tesouro a descobrir*, 1998): é necessário que o sujeito aprenda para conhecer, principalmente, aprender a aprender, é preciso conhecer o que acontece a sua volta para que o sujeito se aproprie de instrumentos capazes de promover transformações na sociedade, que reconheça a importância de aprender para conhecer. Conhecer é uma prática inerente ao ser humano, desde tempos remotos percebemos que o ser humano sente a necessidade de construir conhecimentos a fim de interferir em situações do cotidiano, resolver problemas, dentre outras necessidades. No mundo atual, vemos que conhecer é um ato infundável, pois com os avanços tecnológicos, o homem cria a todo momento novas necessidades e para suprir a sua necessidade ele busca cada vez mais o conhecimento. Sabemos, assim, que é de extrema importância se atualizar com o que acontece no mundo e que o mercado de trabalho exige competências do indivíduo a fim de que este seja capaz de ocupar um cargo ou uma função dentro da empresa, a qual busca pessoas preparadas. É nesse sentido que a educação tem o papel de formar o sujeito com criticidade, consciente de que é preciso aprender a conhecer para não ficar à margem da sociedade, compreender que a educação trará benefícios para a sua vida. Cabe à escola conscientizar o sujeito da importância do ato conhecer.

Aprender a fazer (Educação: um tesouro a descobrir, 1998): é importante explicitar que aprender a fazer não se restringe apenas em se preparar profissionalmente, não é somente se qualificar para o trabalho, saber realizar determinadas tarefas ou operar máquinas etc. Aprender a fazer é, antes de tudo, desenvolver competências que habilite o indivíduo a atuar no meio em que está inserido, é ser capaz de se comunicar com eficácia, trabalhar em equipe, ser motivado na execução de tarefas, ter espírito de liderança, dentre outras competências. Nos âmbitos organizacionais, existem cargos que requerem alguns requisitos para que a pessoa venha a ocupá-los, exigindo competências como visão sistêmica, foco, liderança, comprometimento entre outras competências que o sujeito dever ter para se tornar um profissional de sucesso e trazer benefícios para a empresa.

Aprender a viver juntos (Educação: um tesouro a descobrir, 1998): a escola é um dos espaços onde convivemos com a diferença, ou pelo menos precisamos saber conviver, respeitando as diferenças de cada um para que possamos viver em harmonia, afinal ninguém vive só, estamos sempre nos comunicando, realizando tarefas em grupo. Enfim, o ser humano está sempre em contato com outros, quer seja na família, na escola, nas organizações, assim é necessário aprender a viver juntos, pois vivemos em sociedade. A escola tem o papel crucial de promover nos indivíduos a consciência de que é fundamental saber viver juntos e se respeitarem: é um desafio que precisa ser trabalhado pelos professores e pela escola em prol de um mundo melhor, de paz e sem conflitos, compreendendo que o ser humano tem seus limites, seus desejos, suas culturas, sua orientação sexual, religiosa etc.

Aprender a ser (Educação: um tesouro a descobrir, 1998): o indivíduo precisa se autoconhecer, saber de suas potencialidades, compreender o que quer e aonde quer chegar, procurar os caminhos que lhe proporcionarão cumprir seus objetivos. É necessário, cada vez mais, que o sujeito seja capaz de agir com autonomia, trilhar seu caminho com responsabilidade e comprometimento, o indivíduo deve ser capaz de compreender que é a educação que lhe possibilitará a se preparar para a vida, que é ela que contribui para sua personalidade e caráter, compreender que não precisa ser egoísta para conseguir o que quer ou passar por cima dos outros para “subir” na vida. A educação deve contribuir para o desenvolvimento integral da pessoa, bem como o espírito, a intelectualidade, a estética, a sensibilidade em perceber o outro, a sua responsabilidade, o seu pensamento, a sua consciência em se tornar um sujeito crítico e autônomo.

Os quatro pilares da educação nos permitem compreender de que forma a escola pode contribuir no desenvolvimento de competências do sujeito. Nessa perspectiva, é válido pensar de que forma o professor pode trabalhar em sala de aula a fim de que seu aluno adquira competências, ou seja, de que metodologias, atividades e ferramentas o docente pode se apropriar para contribuir na formação de seus alunos. Se relacionarmos os quatro pilares da educação (Aprender a conhecer, Aprender a fazer, Aprender a viver juntos e Aprender a ser) às competências (conhecimentos, habilidades e atitudes), poderíamos fazer um *link* da seguinte forma: Aprender a Conhecer – Conhecimentos; Aprender a fazer – Habilidades; Aprender a viver juntos e Aprender a ser – Atitudes.

Saberes docentes: competências para ensinar

A formação docente compreende os saberes e conhecimentos construídos durante a formação acadêmica, sendo necessária a constante atualização por parte dos educadores, uma vez que a sua formação não se encerra ao concluir um curso de graduação, pois, na sociedade atual, com o avanço da ciência e da tecnologia, em um mundo globalizado é preciso cada vez mais que os educadores continuem pesquisando, estudando e agregando conhecimentos para melhor desenvolverem sua práxis pedagógica.

Para Tardif (2000), o saber docente é um saber plural, oriundo da formação profissional (o conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores); de saberes disciplinares (saberes que correspondem ao diverso campo do conhecimento e emergem da tradição cultural); curriculares (programas escolares) e experienciais (do trabalho cotidiano). Isso exige do professor capacidade de dominar, integrar e mobilizar tais saberes enquanto condição para sua prática.

Dessa forma, o saber docente é constituído por vários saberes, os acadêmicos e os cotidianos, sendo tais saberes somados e incorporados na sua prática pedagógica. Nessa perspectiva, é perceptível que o educador precisa refletir acerca de suas competências para ensinar, ou seja, a sua postura, os seus conhecimentos, a sua metodologia fazem parte da sua formação profissional e é o que o difere de outros profissionais.

Para Tardif (2000), os saberes profissionais são variados e heterogêneos porque os professores, na ação, no trabalho, procuram atingir diferentes tipos de objetivos cuja realização não exige os mesmos tipos de conhecimento, de competência ou de aptidão.

Sendo assim, os educadores precisam assumir uma postura crítica-reflexiva frente ao saber, uma vez que a sua prática pode refletir de forma negativa ou positiva na aprendizagem dos educandos, o que pressupõe que o professor precisa traçar objetivos, selecionar os conteúdos e viabilizá-los metodologicamente.

Para Tardif (2000), é válido refletir quais são os saberes profissionais dos professores, isto é, quais são os saberes, conhecimentos, competências, habilidades que eles utilizam efetivamente em seu trabalho diário para desempenhar suas tarefas e atingir seus objetivos.

Perrenoud (2000) lista dez competências reconhecidas como prioritárias na formação contínua dos educadores, a saber: 1) Organizar e dirigir situações de aprendizagem; 2) Administrar a progressão das aprendizagens; 3) Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação; 4) Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho; 5) Trabalhar em equipe; 6) Participar da administração da escola; 7) Informar e envolver os pais; 8) Utilizar novas tecnologias; 9) Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão 10) Administrar sua própria formação contínua. Discutiremos neste artigo as competências de números 1, 2, 3, 4, 5 e 8.

Para Perrenoud (2000), organizar e dirigir situações de aprendizagem é manter um espaço justo para tais procedimentos. É, sobretudo, despender energia e tempo e dispor das competências profissionais necessárias para imaginar e criar outros tipos de situações de aprendizagem. Para essa competência, o autor diz que é intrínseco conhecer os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetivos de aprendizagem, tra-

balhando a partir das representações dos alunos, dos erros e dos obstáculos à aprendizagem, bem como construir e planejar dispositivos e sequências didáticas e envolver os alunos em atividades de pesquisa, em projetos de conhecimento.

Para administrar a progressão das aprendizagens, Perrenoud considera a necessidade de administrar situações-problema ajustadas ao nível e às possibilidades dos alunos, estabelecendo laços com as teorias subjacentes às atividades de aprendizagem, bem como observar e avaliar os alunos em situação de aprendizagem, de acordo com uma abordagem formativa, ou seja, o professor precisa promover situações-problema de acordo com a capacidade de abstração de seus alunos, ou seja, a partir da realidade do educando, o professor pode problematizar, elaborar suas atividades a fim de que os alunos levantem hipóteses, argumentem suas conjecturas, estabelecendo conexão com o conteúdo a ser ensinado e, a partir daí, avaliar de que forma o educando interage com o objeto de conhecimento.

No que tange a conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação, Perrenoud fala que para que cada aluno progrida rumo aos domínios visados, convém colocá-lo, com bastante frequência, em situação de aprendizagem ótima para ele, para tanto é preciso administrar a heterogeneidade no âmbito de uma turma, fornecer apoio integrado, trabalhar com alunos que possuem dificuldades e desenvolver a cooperação entre os colegas.

Sabemos da diversidade de formas de aprendizado existente na composição de uma sala de aula; logo, não se pode garantir que todos aprendam da mesma forma, aplicando métodos iguais para todos.

O ensino mútuo não é uma ideia nova, já florescia no século passado na pedagogia inspirada por Lancaster. O professor tinha 100 ou 200 alunos de todas as idades sob sua responsabilidade e, evidentemente, não podia ocupar-se de todos, nem propor uma única lição a um público tão vasto e heterogêneo. O grupo era então organizado em subconjuntos, que ficavam a cargo de “subprofessores”, frequentemente alunos mais velhos ou monitores sem formação pedagógica. O papel do professor era fazer com que o conjunto funcionasse, mais do que ensinar diretamente a todos (PERRENOUD, 2000, p. 62).

Entende-se, assim, que não devemos tratar os alunos de forma igual, esquecendo as suas particularidades. Infelizmente, vemos muitas práticas em que, em uma sala de aula lotada de alunos, o professor tenta ensiná-los de forma linear.

No que concerne a envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho, o autor propõe que o educador suscite o desejo de aprender, explicitando a relação com o saber, o sentido do trabalho escolar e desenvolva no educando a capacidade de autoavaliação. Ele ainda diz que

os programas são concebidos para alunos cujo interesse, desejo de saber e vontade de aprender são supostamente adquiridos e estáveis. Seus autores não ignoram que faltam esses pré-requisitos a certos alunos, mas apostam para uma motivação “extrínseca”, imaginando que trabalharão sob ameaça de uma nota ruim, de uma sanção [...] (PERRENOUD, 2000, p. 69).

Portanto, para que os alunos adquiram interesse pelo que lhe é apresentado, é preciso que o educador se aproprie de métodos que os atraiam, afinal, em um mundo repleto de tecnologias admiráveis, fazer com que o aluno preste atenção em uma aula monótona será algo cada vez mais difícil de acontecer.

Trabalhar em equipe é uma competência que necessita cada vez mais ser desenvolvida, seja pelo professor, seja pelo aluno, uma vez que estamos evoluindo cada vez mais para uma sociedade que exige cooperação profissional.

Perrenoud (2000, p. 88) diz que

o desejo difuso de trabalhar de maneira cada vez mais cooperativa daria, com mais frequência, origem a uma equipe, se as competências requeridas para sustentar essa dinâmica fossem melhor partilhadas. Muitas vezes, a gênese de uma equipe aborta por falta de habilidade, excesso de precipitação, ausência de escuta ou de organização, de memória ou de método.

Ou seja, trabalhar em equipe é uma competência que carece em muitos profissionais, devido às más vivências em que a equipe não partilha as suas ideias, não escuta o outro, não cede lugar à cooperação.

Numa realidade repleta de tecnologias, saber utilizar tecnologias é uma das competências exigidas pelos profissionais da educação.

Perrenoud (2000) afirma que cada vez mais os CD-ROMs e os sites multimídia fazem uma séria concorrência aos professores, se estes não quiserem ou não souberem utilizá-los para enriquecer seu próprio ensino.

Os professores que sabem o que as novidades tecnológicas aportam, bem como seus perigos e limites, podem decidir, com conhecimento de causa, dar-lhes um amplo espaço em sua classe, ou utilizá-las de modo bastante marginal. Neste último caso, não será por ignorância, mas porque pensaram prós e contras, depois julgaram que não valia a pena, dado nível de seus alunos, da disciplina considerada e do estado das tecnologias. (PERRENOUD, 2000, p. 138).

Nessa perspectiva, cabe ao professor compreender a importância de saber utilizar as tecnologias em prol do ensino-aprendizagem, pois não dá para competir com um universo atraente de tecnologias que hoje dispomos com aulas enfadonhas que não atraem os alunos. As tecnologias auxiliam no dinamismo das aulas e, sabendo aproveitar os seus recursos, elas só tendem a contribuir no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

A verdadeira incógnita é saber se os professores irão apossar-se das tecnologias como um auxílio ao ensino, para dar aulas cada vez mais bem ilustradas por apresentações multimídias, ou para mudar de paradigma e concentrar-se, na criação, na gestão e na regulação de situações de aprendizagem (PERRENOUD, 2000, p. 139).

Saber utilizar as tecnologias é uma competência que auxiliará no desenvolvimento de outras competências que o educador necessita, com o auxílio tecnológico o professor saberá como organizar e dirigir situações de aprendizagem, envolverá cada vez mais os seus alunos nas atividades, observando a interação de seus alunos nos trabalhos que serão desenvolvidos.

O papel da educação na formação de competências

Segundo Perrenoud (2000), uma das características da noção de competência é desafiar o sujeito a mobilizar recursos no contexto de uma situação-problema para tomar decisões favoráveis ao seu objetivo ou às suas metas.

Promover situações-problema no âmbito escolar é um dos caminhos possíveis de desenvolver as competências dos alunos, é por meio de situações problemas que o aluno poderá ser levado a tomar decisões, a trabalhar em equipe, saber utilizar as tecnologias, enfim, a agir de diversas formas a fim de resolver algum problema que lhe é apresentado.

Uma situação problema requer o enfrentamento e, se possível, a resolução de um obstáculo previamente identificado pela classe. Ou seja, uma situação problema deve ser identificada, o obstáculo deve ser reconhecido e ter sentido de aprendizagem. O interessante na ideia de situação-problema é que há desejo de resolver, há intenção de alcançar um bom resultado, embora nem sempre as decisões tomadas sejam bem sucedidas (PERRENOUD, 2002, p. 119).

Dessa forma, a escola se torna um espaço propício para a formação de competências do sujeito, é nesse espaço que o indivíduo aprende o sentido de cidadania, os seus direitos e deveres, o seu papel na sociedade, a importância de tornar um ser autônomo e crítico. A escola também contribui na formação do indivíduo para o mercado de trabalho, pois o aluno, ao sair da escola, se depara com uma realidade em que ele precisa saber interagir para garantir seu espaço no mundo do trabalho. Para tanto, é necessário que a educação assuma o seu papel de forma efetiva através das atitudes coerentes advindas das práticas pedagógicas.

A pretensão é que os alunos, mesmo no contexto de uma prova, possam aprender, possam ser desafiados por intermédio de questões cujas respostas requeiram análise, compreensão, tomadas de decisão, questões que sejam bem formuladas e instigantes. Formas de avaliação que sejam um convite ao raciocínio, ao compensar perturbações, no sentido de escolher a melhor alternativa para uma situação problema tal como foi proposta. Apesar das dificuldades de sua elaboração, vale a pena considerar contextos de avaliação que se realizem como oportunidades de aprendizagem. (PERRENOUD, 2002, p. 121).

Para que os alunos sejam levados a tomar decisões diante de uma situação-problema, é necessário que o educador tenha um fio condutor da aprendizagem dos mesmos, ou seja, os planejamentos didáticos do professor deverão permitir que os alunos, efetivamente, formulem suas hipóteses e argumentem suas conjecturas. Assim sendo, para que as competências dos alunos sejam desenvolvidas ou identificadas, o professor, antes de tudo, precisa prover meios e situações favoráveis.

Portanto, cabe ao professor programar suas atividades, estabelecer seus objetivos, selecionar bem os conteúdos e viabilizá-los metodologicamente e avaliar o que se pretende ao promover determinadas situações e ao aplicar determinadas atividades, ou seja, o professor, ao avaliar os alunos, precisa compreender o que se deseja avaliar, se é a interação em grupo, a responsabilidade, o envolvimento e comprometimento nas atividades etc.

Saber programar atividades que gerem aprendizagem não é uma tarefa fácil, mas é uma preocupação que vem crescendo por parte dos educadores, pois é através das atividades que o educador pode ou não despertar o interesse em aprender por parte dos discentes.

Programar atividades exige que o professor se dedique ao máximo, pesquise conjuntamente com outros professores, elabore seus planejamentos didáticos de forma que não lhe falte um fio condutor. É a partir da programação das atividades que o professor poderá selecionar os conteúdos, traçar objetivos e formas de avaliação, ou seja, organizar e dirigir as situações de aprendizagem.

Perrenoud (2002) diz que na programação das aprendizagens não basta compreender os objetivos e saber desmembrá-los para ser capaz de traduzi-los em sequências de aprendizagem. Nessa perspectiva, os planos de estudos não mais prescrevem o que os professores devem ensinar, e sim o que os alunos devem aprender.

Segundo Perrenoud (2000), na escola, os alunos aprendem formas de conjugação, fatos históricos ou geográficos, regras gramaticais, leis físicas, processos, algoritmos para, por exemplo, efetuar uma divisão por escrito ou resolver uma equação do segundo grau, o autor nos aponta a seguinte reflexão: quando o aluno toma posse de tais conhecimentos, ele saberá realmente em que circunstâncias e em que momento aplicá-los? Acrescenta-se que é na possibilidade de relacionar, pertinentemente, os conhecimentos prévios e os problemas que se reconhece uma competência. O autor ainda diz que

as observações didáticas mostram que a maioria dos alunos extrai da forma e do conteúdo das instruções recebidas índices suficientes para saber o que fazer, ou seja, parecem competentes e eles os são, se considerarmos, imediatamente, que essa competência limita-se a situações bastante estereotipadas e exercício e de avaliação escolares e que a escolha, por exemplo, de uma operação aritmética decorre, com frequência, mais de uma transposição analógica, a partir de problemas com a mesma forma, do que de uma compreensão intrínseca do problema (PERRENOUD, 2002, p. 32).

Sendo assim, é válido refletir de que forma a educação pode contribuir na formação das competências dos educandos, refletir que competência o aluno deve possuir

para enfrentar o mercado de trabalho, enfim são inúmeros questionamentos para reflexão a fim de que a educação possa de fato contribuir na formação de seus alunos.

Para Perrenoud (2002), a meta da escola não é o ensino dos conteúdos disciplinares, mas sim o desenvolvimento das competências pessoais, que está hoje no centro das atenções, pois a personalidade é a primeira característica absolutamente fundamental da ideia de competência.

Todavia, a escola organiza-se basicamente em termos de conhecimento apresentado sob a forma de conteúdos disciplinares. Os espaços curriculares são loteados entre as diferentes matérias, e os tempos são subdivididos em doses diárias - as aulas. Porém, conhecer é conhecer o significado, e o significado é sempre construído pelas pessoas, ou seja, o conhecimento é sempre pessoal (PERRENOUD, 2002, p. 141).

Nessa perspectiva, a escola define por meios das disciplinas os conhecimentos julgados necessários, e os alunos apreendem de forma pessoal, mas é preciso avaliar quais competências os alunos desenvolvem, já que cada aluno é um ser singular. Perrenoud cita algumas competências que o aluno pode adquirir a partir dos conhecimentos que lhes são apresentados. Duas seguem demonstradas abaixo.

A capacidade de expressão. A alguém que lê um livro, diz que entendeu tudo, porém não consegue expressar de alguma forma o que leu ou sentiu, falta tal competência. Segundo Perrenoud, a capacidade de expressão é desenvolvida por meio de disciplinas. A língua materna, a matemática, a educação física, as artes ou a música, todas as disciplinas podem servir de meio para o desenvolvimento da competência em se expressar adequadamente.

Outro exemplo de competência é a capacidade de argumentar. Para Perrenoud, não basta a um advogado estar convencido da inocência de seu cliente; é preciso ser competente para evidenciá-lo por meio de uma argumentação convincente, recorrendo a diversas disciplinas, como a lógica e a retórica. Enfim, as pessoas devem ser capazes de se expressar, de argumentar, de negociar etc., e as disciplinas escolares devem servir de meios, de instrumentos para o desenvolvimento de tais capacidades.

Uma formação profissional que vise ao universo do trabalho, tal como hoje se configura, deve necessariamente situar no foco das atenções algo que não é novo, que sempre existiu, mas que produzia seus efeitos de modo coadjuvante ou colateral: as competências básicas a serem desenvolvidas dizem respeito à formação pessoal, às capacidades pessoais que transcendem os temas estudados, que sobrevivem às transformações cada vez mais rápidas nos cenários dos equipamentos e da produção material (PERRENOUD, 2002, p. 152)

Portanto, em uma sociedade na qual o conhecimento é bastante valorizado, torna-se imprescindível que a educação efetive o seu papel quanto à formação de competência de seus alunos, pois cada vez mais a realidade do mundo do trabalho se torna competitiva. Logo, se as pessoas não encontram na escola situações que promovam o

desenvolvimento de determinadas competências, ficará cada vez mais difícil conquistar um espaço nesta sociedade.

Considerações Finais

Sem pretender esgotar as reflexões, a escola enquanto espaço propício para ocorrer o processo de ensino-aprendizagem é também um espaço propício para a formação de competências de seus alunos. Partindo deste pressuposto, a noção de competência quando aliada à educação, precisa ser analisada quanto à formação profissional e os saberes docentes, bem como a relação do professor com os conteúdos, as suas metodologias, entre outros saberes inerentes à formação docente, que conferem ao professor competências necessárias à sua prática pedagógica.

Quando se fala em desenvolvimento de competência no âmbito escolar, não se pode perder de vista as competências do próprio professor-educador, ou seja, para que o professor seja capaz de desenvolver as competências de seus alunos é preciso, antes de tudo, (re)descobrir as suas reais competências para ensinar, a fim de enxergar, sentir, ver e avaliar os seus alunos de forma a favorecer o seu crescimento e promover a sua aprendizagem.

Nessa perspectiva, as competências profissionais permitirão que os educadores, em seu cotidiano escolar, contribuam na formação de competência de seus educandos a partir de situações problemas que poderão ser propostas para que os alunos sejam capazes de buscar soluções através de estratégias que lhes serão oportunizadas no contexto escolar.

Dessa forma, a escola precisa oferecer situações diversas de aprendizagens em prol do desenvolvimento de competências dos educandos, para que, assim, as experiências proporcionadas pelo ambiente escolar os preparem para a realidade da sociedade atual.

Referências

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a educação para o século XXI*. Brasília: DF: MEC/ UNESCO, 1998.

FLEURY, Maria Tereza; FLEURY, Afonso. *Construindo o conceito de competência*. São Paulo, RAC, 2000, p. 183-194.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOURA, Maria Cristina Canovas de ; BITENCOURT, Claudia Cristina. A articulação entre estratégia e o desenvolvimento de competências gerenciais. *RAE – eletrônica*. São Paulo, v. 5, n. 1, art. 3, jan./jun. 2006.

PERRENOUD, Philippe. *As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. São Paulo, *Revista Brasileira de Educação*, n. 13, jan./abr. 2000, p. 5-21.